

Da investigação à extensão universitária: uma abordagem com foco na Universidade Lueji A´Nkonde - Angola

João Muteteca Naege *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-0009-5420>

RESUMO

O artigo aborda a extensão universitária, cujo foco é a Universidade Lueji A´Nkonde (Angola). A ULAN desde a sua criação tem a componente de extensão universitária como veículo para a divulgação dos seus serviços e aproximação à comunidade. É com base nas actividades de extensão, que para nós é a face social de uma universidade, que a Universidade Lueji A´Nkonde intervém de modo sustentável na comunidade, com as suas contribuições, tomando os desafios e os problemas da comunidade, onde está inserida como seus, transformando-os em solução, com vista ao bem estar social. Através da extensão as instituições de ensino superior (IES) socializam o conhecimento que produzem, estreitam a relação com a comunidade. Por um lado, está a universidade com saber estruturado, e por outro, está a comunidade com um saber por estruturar, mas que vale apenas ser apropriado pela universidade, neste caso, a relação que se estabelece entre a universidade e a comunidade é bilateral. Assim, a extensão universitária tem um papel de promotor da interacção entre a comunidade e a universidade ou as (IES), se tivermos em consideração que a extensão além de ser vista como um meio ou um instrumento através do qual se transmite ou se faz a transferência de técnicas e conhecimentos, deve ser vista, acima de tudo, como uma peça-chave entre os três pilares que constituem a universidade na transformação social ou da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Investigação; Extensão universitária; Ensino; Universidade Lueji A´Nkonde.

From research to university extension: an approach focused on Lueji A´Nkonde University - Angola

ABSTRACT

The article addresses the university extension, whose focus is the Lueji A´Nkonde University (Angola). ULAN since its creation has the university extension component as a vehicle for the dissemination of its services and approach to the community. It is based on extension activities, which for us is the social face of a university, which Lueji A´Nkonde University intervenes in a sustainable way in the community, with its contributions, taking the challenges and problems of the community, where it is inserted as its own, transforming them into a solution, with a view to social well-being. Through the extension, higher education institutions (HEIs) socialize the knowledge they produce, strengthen the relationship with the community. On the one hand, the university is structured knowledge, and on the other, is the community with an unstructured knowledge, but it is worth being appropriated by the university, in this case, the relationship that is established between the university and the community is bilateral. Thus, the university extension has a role of promoting the interaction between the community and the university or the (HEIs), if we take into account that the extension besides being seen as a means or an instrument through which the transfer of

* É Doutor em Linguística, pela Universidade de Évora, Portugal. Mestre em Ciências da Linguagem, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Évora, Portugal. Investigador do Centro de Estudos e Desenvolvimento Social da Universidade Lueji A´Nkonde, Angola (CEDES), Angola. email: naugejoaonauege@yahoo.com.br

techniques and knowledge is transmitted or made, it must be seen, above all, as a key piece between the three pillars that constitute the university in social or community transformation.

KEYWORDS

Research; University extension; Teaching; Lueji A'Nkonde University.

Research; University extension; Teaching; Lueji A'Nkonde University.

SONEKO IKEHE

Mukanda uno unasolola inyingi anatambika ngo kutandulula ca mana akulongesa mu xikola ya ulemu, kuhyana cinji ku zuwo lya mana lya Lweji wa A'Nkonde. Ndo haze anakaci tombela ndo musono, maliji a mana kakuheta kuli athu mumu lya milimo ya kutandulula ca mana. Mana nyi malinjekela anapu kufumba alyoze ka kufambuka hanze mukonda lya kutandulula ca mana, thu nambe ngo meso ja mana eswe nyi malinjekela hanji nawa nyi inyingi inji ize ya kupalika mu zuwo lya mana anatambika ngo Lweji wa N'nkonde, hanga afumbe athu cize cinatela ku thwama kanawa mu cihunda. Mazuwo a mana nyi malinjekela (IES) ka kulemesa ize alongesa, masumbakenya nawa nyi ku thathwisa manyonga mukonda wa kutandulula ca mana. Cenaco, kutandulula ca mana cili nyi ulemu unahyana cinji hakuthwala kufumba ca mana nyi kuwahisa kulikunga ca mbunga nyi mazuwo akufumba ca mana alemu anatambika ngo zuwo lya mana ny malinjekela hanji anatambika ngo (IES), malinjekela a kutandulula ca mana kali nyi xindekenyo inene ize inasolwesa igambangamba nyi inyingi inji, inatela kwitala ngwe maliji alemu mu ilai nyi isuho itathu ize ina thathwisa mazuwo akufumba mana alemu anatambika ngo zuwo lya mana alemu hanji ngo (IES).

MALIJI ALEMU

Kufupha ca mana; kutandulula ca mana; Kulongesa; Zuwo lya mana; Lweji wa Nkonde.



1.Contextualização

A origem da universidade, lato senso, é ainda discutida sem parar, pois, são diversos os pontos de vista, no que respeita ao seu surgimento. Varela (2013) assegura existirem muitas versões quanto ao surgimento da universidade, destacando pelo menos duas: uma afrocêntrica que situa o aparecimento da primeira universidade em África, concretamente em Fez, Marrocos no ano 859, quando se criou a universidade de Karueein e, também no Egipto, no longínquo ano de 988, dando-se a fundação da Universidade de Al- azhar. Acredita-se, ainda, que para além dessas universidades com feição islâmica do 1º milénio, criou-se, também, a Universidade de Tombuctu no século XII, na localidade de Sankore, em Mali, data mais ou menos do período análogo à idade média na Europa.

A visão eurocêntrica situa a Universidade, relativamente, nos moldes como a temos hoje, como aquela que nasce no período da idade média da Europa, na localidade de Bolonha, Itália, situando o seu aparecimento no ano de 1088, Universidade de Bolonha.

Em França a Universidade de Paris, em 1090. Sem dúvidas, as ideias precursoras das universidades de Bolonha, Itália, e de Paris, França, remontam da Grécia antiga, quando se criou a Academia de Platão nos anos 386 ou 387, a. c., e é considerada esta academia como a ideia seminal das actuais universidades. Apesar de haver duas visões, afrocêntrica e eurocêntrica, em relação ao surgimento da Universidade, ressalte-se que a última é a que mais consenso colhe, mesmo entre muitos estudiosos africanos.

A Universidade Lueji A`Nkonde surge com o redimensionamento da Universidade Agostinho Neto, com base no Decreto nº7/09 de 12 de Maio, integrando as províncias da Lunda Norte (Cidade do Dundo-sede), Lunda Sul e Malange. A ULAN veio em grande medida alavancar o desenvolvimento social, económico e cultural da região, pois a estratégia adoptada de regionalização do Ensino Superior com a criação de diferentes IES, visa, pelo menos, contemplar cada Província com uma instituição de Ensino Superior, e nalguns casos, estendendo-se essas instituições a municípios.

De acordo com Varela (2013:16), uma universidade tem alguns traços que a caracterizam, permitimo-nos trazer a lume alguns:

- a) A universidade não é um estabelecimento qualquer, mas uma entidade (em regra, uma instituição) que se posiciona no mais alto nível do subsistema de ensino superior, e por consequência, do sistema educativo;
- b) Não é uma mera transmissora do saber ou da ciência, mas é, também, primacialmente, produtora do conhecimento científico;
- c) Não se limita à transmissão do saber, isto é, ao ensino, mas este associa-se à investigação;
- d) As funções de ensino e investigação não são funções estanques ou fins em si, mas, antes, devem propiciar a promoção da cultura assim como o desenvolvimento de capacidades de análise crítica, inovação, desenvolvimento experimental e inserção na vida activa.

A universidade é, por excelência, o centro de produção de conhecimento, sua gestão, difusão até à comunidade. No nosso ponto de vista, produzido o conhecimento este só é funcional quando difundido à comunidade, pois, a universidade deve estar ao serviço da comunidade, nenhum conhecimento é útil se não for para a transformação e para o benefício da sociedade. É importante destacar aquilo que são os três pilares de uma universidade, a investigação, o ensino e a extensão, este último pilar é o objecto de que nos vamos ocupar na nossa reflexão.

2. Conceptualização da extensão universitária

A extensão universitária, segundo Mirra (2009), pode ser datada a sua manifestação a partir da segunda metade do século XIX, com foco na Inglaterra, seguindo a sua continuidade na Bélgica, Alemanha, posteriormente a todo o espaço europeu e mundial. Nos Estados Unidos, a extensão universitária foi impulsionada com a criação pela Universidade de Chicago, em 1892, da *American Society for the extension of University Teaching*. Dando-nos conta da génese da extensão universitária, Mirra (2009:77) afirma que:

A universidade de Cambridge, em 1871, foi provavelmente a primeira a criar um programa formal de “cursos de extensão” a ser levados por seus docentes a diferentes regiões e segmentos da sociedade (...). Quase ao mesmo tempo, outra vertente surgia em Oxford, com actividades concebidas como uma espécie de movimento social voltado para os bolsões de pobreza.

Já nos Estados Unidos, primeiro com o impulso dado pela Universidade de Chicago, em 1892, as actividades de extensão universitária foram-se consolidando, tendo a Universidade de Wisconsin se associado à ideia em 1903, com um destaque assinalável, pelo então presidente Roosevelt, ao reconhecer a pertinência das actividades de extensão universitária aí desenvolvidas:

(...) As acções desencadeadas nesse quadro foram decisivas para a modernização da tecnologia agrícola americana, surgindo dessa forma um modelo de interacção com a comunidade que implicava a universidade na questão do desenvolvimento. O efeito ampliou-se mais ainda pela diversificação do programa extensionista, com a educação continuada e expansão das actividades extramuros. A partir daí a extensão universitária estava consagrada (Mirra, 2009:78).

Destarte, a quem considere que os Estados Unidos em 1903 ajudaram a dar a conhecer a importância de que se revestem as actividades de extensão universitária, passando a ser vista a extensão universitária como um dos pilares no processo de socialização do conhecimento produzido pelas universidades em benefício das suas comunidades.

A extensão universitária não pode ser definida de modo único, a sua definição implica a interdisciplinaridade, envolvendo a universidade com a comunidade à sua volta. De acordo com Ima-Panzo (2018:115), a extensão universitária é entendida como a transformação da realidade social pela prática académica da utilização e de produção de

conhecimento em interacção dialógica com a comunidade. Neto e Attiki (2005:11) definem a extensão universitária como:

um processo educativo, que envolve acções de carácter científico, cultural e artístico, voltadas para a integração da instituição universitária, possibilitando, assim, uma efectiva participação da universidade na sociedade, reconhecendo em ambas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do saber popular e científico.

Na perspectiva de Leite *et.al* (2002:52-53), a extensão universitária deve proporcionar:

a) uma ruptura com a hegemonia da racionalização cognitiva com sustentação única do fazer ciência, e com as relações de poder hierarquizadas que dividem os que fazem ciência, daqueles que ensinam e fazem extensão;

b) um reconhecimento de outros saberes e conhecimentos que não estão dentro da instituição, reconfigurando o senso comum e as ciências, as humanidades e as ciências naturais;

c) uma subordinação da aplicação técnica da ciência aos valores éticos (reflexivos) e morais (normativos) da vida social; d) uma vivência da democracia por meio do desenvolvimento de comunidades argumentativas e interpretativas, abertas à sociedade, formadas por professores, funcionários e alunos que questionem os modos de vida, a disciplinaridade e todas as questões pertinentes ao viver e ao ser humano;

d) uma produção de conhecimentos que rompa fronteira e se recrie e se ressignifique constantemente em face das realidades e mudanças da sociedade, dos processos de comunicação e de produção da vida material e da vida social e cultural.

No nosso ponto de vista, a extensão universitária é o processo permanente de interacção, que leva a universidade de forma sistemática a abrir-se à comunidade, assumindo os problemas, os desafios da comunidade como seus e procurando a sua transformação em solução. Por meio da extensão universitária encurtam-se as assimetrias, no que respeita à produção e à partilha do conhecimento científico. Por um lado, está a universidade com um conhecimento bem estruturado, elaborado, e por outro, a comunidade com um conhecimento do senso comum, que ao longo da partilha pode ser útil à universidade. Ou seja, não pode ser vista a extensão universitária como sendo um processo unilateral, ou meramente de assistência à comunidade, mas sim um processo bilateral de intercâmbio entre a universidade e a comunidade.

3.A extensão universitária na ULAN

A extensão universitária, como já o dissemos, constitui uma parte essencial do esteio das universidades, o ensino, a investigação e a extensão universitária são indissociáveis em todas as abordagens das universidades modernas ou que se quer cada vez mais modernas, actuais e actuates. Percebemos em diversas abordagens feitas à volta da extensão universitária, em Angola, a necessidade de estabelecimento de uma política nacional de extensão universitária, com a definição óbvia de condições legais que permitam o desenvolvimento normal de todas as actividades de extensão no país.

Dada a sua função, a extensão universitária joga um papel preponderante na superação das assimetrias sociais que existem nas comunidades, com ela as academias aproximam-se cada vez mais às comunidades e deixam de se enclausurar, como muito se pensa e se diz, procuram atender as demandas das suas comunidades, no que respeita à promoção do bem estar social.

Na óptica de Scheidemantel *et. al* (2004:2), a extensão universitária apresenta inúmeras vantagens, quer dizer que com ela se consegue: (i) conhecimento da realidade da comunidade em que a universidade está inserida; (ii) prestação de serviços e assistência à comunidade; (iii) fornecimento de subsídios para o aprimoramento curricular e criação de novos cursos; (iv) fornecimento de subsídios para o aprimoramento da estrutura e directrizes da própria universidade na busca da qualidade; (iv) facilita a integração ensino-pesquisa-extensão; (vi) possibilita a comunidade universitária conhecer a problemática nacional e actuar na busca de soluções plausíveis.

Apesar dos avanços da técnica e da tecnologia, ainda há um sem número de pessoas que não têm acesso directo ao conhecimento produzido pelas universidades, dessa forma, a extensão universitária permite alavancar o processo de democratização ao acesso do volume cada vez grande da produção científica e, até certo ponto, fazer com quem se perceba a função social de uma universidade ou IES, que no nosso ponto de vista, não é mais do que propor soluções para a definição de políticas públicas consentâneas com vista à resolução de problemas sociais e conseqüente promoção do bem estar social. Na visão de Ima-Panzo (2018:14):

(...) a política nacional de extensão universitária representaria a expressão da busca de uma harmonização da acção de extensão universitária, no qual o seu carácter multidimensional constitui uma valiosa fonte comum que vale apenas preservar e desenvolver (...), pressupondo: uma maior clarificação do conceito de Extensão Universitária nos principais normativos do subsistema do ensino superior; estabelecimento dos princípios e dos objectivos da Extensão Universitária em Angola (...).

Com a adopção de uma política nacional de extensão universitária em Angola, criar-se-ia todo um ambiente favorável para a sua materialização, com vista à transformação da realidade social de modo benéfico para as comunidades à volta da universidade.

Através das actividades que compreendem a extensão universitária, as instituições de Ensino Superior levam às comunidades os conhecimentos fossilizados (via ensino), os novos conhecimentos adquiridos (via investigação), que culminam com a interacção universidade-comunidade (via extensão). Desde logo, conclui-se que as actividades de extensão permitem a socialização do conhecimento, tornando-o acessível às franjas não universitárias.

A ULAN desde a sua criação (Decreto nº7/09 de 12 de Maio) por via das distintas unidades orgânicas que a compõe, vem desenvolvendo diversas actividades de extensão universitária, para a materialização de acções de investigação e extensão, que se configuram como fundamentais, em si, e que complementam o processo de ensino-aprendizagem nas Instituições de Ensino Superior.

A extensão é alimentada por outros dois pilares que são o ensino e a investigação; o ensino é a forma primária de socialização do conhecimento que a universidade constrói e dissemina, a investigação alavanca a produção do conhecimento e, por sua vez, a extensão vem traduzindo o conhecimento produzido em benefício das sociedades, a interligação dos três esteios torna funcional a universidade, quer dizer que é função da universidade, ensinar, investigar e estender o que ensina além-muros.

4.Modalidades

De acordo com Gonçalves (2008:13-20), existem várias modalidades de extensão universitária, apresentamos, a título ilustrativo, as modalidades em função da actividade (*modelo divulgativo, modelo de promoção social e comunitário, de extensão académica, de prestação de serviços a terceiros, inovação e transferência tecnológica*); em função da abrangência territorial (*local, regional, nacional, internacional*); em função da temática (*alfabetização*) e da natureza dos interlocutores (*estatal, empresarial, comunicação social, educacional, segmento social em situação de vulnerabilidade e outros*), por sua vez, as modalidades desdobram-se em áreas temáticas e estas em programas, projectos, cursos e eventos.

Dada a sua especificidade, a ULAN, em função da actividade, os modelos divulgativo, de promoção social e comunitário, nesta fase da sua afirmação, afiguram-se

como os mais consentâneos, é uma universidade jovem; em função da abrangência os modelos local e regional, numa primeira fase, são os aconselháveis para a transformação da realidade local e regional; no tocante à função e natureza dos seus interlocutores, o segmento educacional e em situação vulnerável seriam os eleitos.

A ULAN conta com Centro de Estudos e Desenvolvimento Social (CEDES) afecto à Reitoria, Centro de Investigação Científica e Assessoria Jurídica (CICAJ) afecto à Faculdade de Direito, Centro de Estudos e Investigação em Ciências Pedagógicas afecto à Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte (CEICEP). Por intermédio destes centros já se elaboram e materializam actividades de extensão que aproximam a universidade à comunidade. A seguir apresentamos o quadro sinóptico com actividades desenvolvidas nos diferentes centros afectos à ULAN no quadro da extensão universitária.

Quadro 1: Actividades de investigação e extensão universitária

CEDES	CICAJ	CEICEP
<ul style="list-style-type: none">- Conferência Internacional sobre a Rainha Lueji A´Nkonde.- Importância da Língua Inglesa na escrita académica: artigo, Ensaio, Monografia, Dissertação e Tese;- Conferência internacional sobre o papel da Universidade em tempo de crise; Conferência internacional da ULAN_ Uma Angola Segura, rumo desenvolvimento.	<ul style="list-style-type: none">- Palestras externas;- Palestras internas;- Assistência jurídica à população vulnerável;- Seminários;- Práticas reais;- Convénios de cooperação;- Jornadas científicas	<ul style="list-style-type: none">- Workshop sobre o papel das práticas laboratoriais na construção de conhecimento;-Palestra sobre dialogicidade em Paulo Freire;- I ciclo de seminário sobre elaboração. Orientação e avaliação do trabalho científico;-Seminário sobre a planificação didáctico-pedagógica;-Feira do inventor;-Seminário sobre a contribuição do empreendedorismo.
<ul style="list-style-type: none">- Workshop sobre organização e gestão do trabalho Científico, orientação, produção e comunicação.	<ul style="list-style-type: none">-Apresentação de obras científicas;- Práticas simuladas	<ul style="list-style-type: none">-Pelestra sobre a expansão da libertação nacional.

Fonte: Elaboração própria

De todos os centros de investigação que conformam a ULAN, destaca-se o CICAJ, como sendo o que mais actividades de extensão realizou, a julgar pelos dados de que dispomos, e o que no âmbito da sua actuação vê o escopo da sua criação satisfeito, a ele acorrem no dia a dia cidadãos para a assessoria jurídica, tendo uma maior visibilidade, em função da vulnerabilidade das populações que procuram ver resolvidas as situações que as afligem no tocante à assistência jurídica.

Se considerarmos que a universidade é, por excelência, o *locus* de produção, construção e conseqüente extensão do conhecimento, então, podemos concluir que os centros de investigação têm uma tarefa primordial para que haja uma articulação entre os três pilares, ensino, investigação e extensão; porquanto, uma investigação sistemática, fundamentada e sustentável deve, nos dias de hoje, fazer parte das principais atribuições dos centros de investigação para o municiamento e monitoramento das actividades de ensino e extensão posteriores e não postergados.

Para uma contribuição sustentável em prol do desenvolvimento social da comunidade à sua volta, através das actividades de extensão universitária, a ULAN deverá potenciar os distintos centros de investigação de que dispõe com recursos humanos à altura das exigências e também com recursos materiais e tecnológicos que permitam fazer face aos constantes desafios de inovação.

As actividades desenvolvidas pelos diferentes centros de investigação adstritos à Universidade Lueji A´Nkonde, CICAJ, CEDES e CEICP, visando a extensão universitária estampam a importância que os programas e projectos de investigação e de extensão universitária representam para o desenvolvimento humano sustentável, numa primeira fase, integradas na comunidade à volta da universidade e posteriormente podem abranger comunidades não próximas, pois, não nos devemos esquecer de que cada universidade ou IES, dentro da sua prática curricular e dinâmica impostas pelos desafios que assume, tem objectivos micro (circunscritos à sua área de actuação) e macro (cujas fronteiras não são estanques), com vista à promoção do bem estar e desenvolvimento sustentável.

Segundo Carbonari e Pereira (2007), um dos desafios que se coloca à actividade de extensão universitária prende-se com repensar o vínculo que se estabelece entre o ensino e a investigação, não os dissociando das reais necessidades da sociedade, bem como o estabelecimento de contributos que a extensão pode fornecer para o pleno exercício da cidadania. Uma extensão universitária comprometida com o desenvolvimento sustentável da comunidade adopta um modelo que se consubstancia em prestar ajuda à comunidade sob diversos prismas.

Actualmente, a universidade deve assumir uma postura estratégica, isto é, de interacção constante com a comunidade envolvente, sob pena de ser acusada de estar enclausurada em si mesma, para tal, a dinamização do ensino, da investigação e, sobretudo, da sua face social, que é, no nosso entender, a extensão universitária, deve ser permanente, actuante, ágil e eclética.

A extensão é alimentada por outros dois pilares que são o ensino e a investigação; o ensino é a forma primária de socialização do conhecimento que a universidade constrói e dissemina, a investigação alavanca a produção do conhecimento e, por sua vez, a extensão vem traduzindo o conhecimento produzido em benefício das sociedades, a interligação dos três esteios torna funcional a universidade, quer dizer que é função da universidade, ensinar, investigar e estender o que ensina além-muros.

Considerações finais

À guisa de conclusão, o que acabamos de apresentar são algumas práticas por que passam actividades de extensão universitária, cujo foco é a Universidade Lueji A'Nkonde, reconhecemos que desde os primórdios da sua fundação (Decreto nº7/09 de 12 de Maio), a ULAN tem a extensão universitária como um veículo importante para a sua afirmação e intervenção na comunidade à sua volta;

Reconhecemos, também, a necessidade de estabelecimento de um quadro legal, à semelhança de abordagens precedentes, que permita a definição e clarificação, ao nível nacional, da planificação e execução de actividades de extensão;

A extensão não existe por si só, ela é fundamental, complementa outras actividades com as quais conforma os pilares de uma universidade, ou seja, a extensão está ao serviço do ensino e da investigação, por isso, na nossa abordagem, a tomamos como a face social da prática universitária;

Com as actividades da extensão universitária verifica-se, por um lado, a ruptura da rotina diária dos docentes, que se caracteriza em propor, idealizar e gizar estratégias, por outro, assiste-se à implementação da teoria na prática, traduzindo-se em mudanças, promovendo a melhoria da qualidade de vida da comunidade circundante.

Referências

Araujo, F. T. de (2003) (Org), *Extensão Universitária, conceitos, métodos e práticas*. Rio de Janeiro. UFRJ.

Bernheim,C.T.; Chauí,M.S. (2008). *Desafios da Universidade na Sociedade do conhecimento*. Paris: UNESCO.

Carbonari, M. & Pereira, A. (2007), A extensão Universitária no Brasil: Do assistencialismo à sustentabilidade. São Paulo. Setembro de 2007 Base de dados do anhanguera-disponível em http://www.sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/view_article/2007. Acesso em: 2 mai. 2019.

Decreto-lei nº 7/09, de 12 de Maio. Diário da República, I série, Nº 87, estabelece a reorganização da rede de instituições de ensino superior e o redimensionamento da Universidade Agostinho Neto.

Gacel- Ávila, J. (2003), *La internacionalización de la educación superior: paradigma para la ciudadanía global*. Guadalajara. Universidade de Guadalajara.

Gonçalves, H. de A. (2008), *Manual de projectos de extensão universitária*. São Paulo: Avercamp.

Freire, P. (2010), *Extensão ou comunicação?* 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Ima-Panzo, J. (2018), *Extensão Universitária em Angola- Tendências, Acções e Projectões*. Mayamba Editora. Luanda.

Leite, D. (2002), A avaliação institucional e os desafios da formação docente na Universidade pós-moderna. In: Masetto, M. (Org.) *Docência na Universidade*. Campinas.

Mirra, E. (2009), *A ciência que sonha e o verso que investiga*. São Paulo: Ed. Papagaio.

Neto, J.C.S.; Atiki, M.L.G (2005), *Extensão universitária: construção de solidariedade*. São Paulo: Expressão e arte.

Nogueira, M. das D. P. (2005), *Políticas da Extensão universitária brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFGM.

Scheidemantel, S. E. (2004), *A importância da Extensão Universitária. O projecto construir*. Anais do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

Sousa, A. L.L. (2000), *A História da Extensão Universitária Campinas*. São Paulo: Alínea.

Varela, B. (2013), *A Universidade, o currículo e o conhecimento: das origens aos tempos actuais*. Praia: edições Uni-CV.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

Para citar este texto (ABNT): NAUEGE, João Muteteca. A língua de especialidade: um olhar sobre o português jurídico, tendências e desafios em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p.332-342, jul./dez. 2023.

Para citar este texto (APA): Naeuge, João Muteteca. (jul./dez.2023). A língua de especialidade: um olhar sobre o português jurídico, tendências e desafios em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 332-342.